

CARTA A MEUS FILHOS SOBRE OS FUZILAMENTOS DE GOYA

(E UMA PEQUENINA LUZ E “QUEM A TEM...”)

Ana Luísa Amaral*

UMA PEQUENINA LUZ / DA COR DA LIBERDADE:
ENTRE FILHOS E VERSOS

*Ainda pôde ver a sua cor
Em tinta verdadeira como o sangue.
Mas que diria destes nossos tempos
E destes novos ventos?*

Vinha de fora
e não era monção, nem vento norte
nem qualquer outro vento conhecido,
vento que lhes dissesse
podem lutar comigo, podem prever-me
de quando em quando as rotas
e por vezes até acautelar-me
os crimes

Este era um novo vento
sem dono e de outra aragem,
sem deslocação de ar que se soubesse,
mas podia, temeram,
destruir muito mais que os outros ventos

E eles trancaram janelas e fronteiras
e cumpriram aquilo que lhes fora ensinado:
erguer muralhas contra o que voava mas era rente
ao chão. Como podia um vento voar e rastejar,
ser fome em movimento?

Mas este vento nem se chamava vento, e eles
não sabiam o seu nome. Era um vento
selvagem e com asas, ele mesmo era asa e fogo,
rija e frágil matéria, e tudo

ao mesmo tempo

Por detrás das portadas, os mestres entre si
trocavam coisas várias: saberes e lajes de cimento
e gume para que os muros fossem mais opacos
e chegassem mais alto, combatessem o vento
que não tinha nome, e falavam de ardis s
obre como afiar melhor os seus
ensinamentos

Porque sabiam que este vento chegava
por eles terem lançado as areias
sobre as suas terras

E nele confundidos,
vinham de longe os hóspedes
trazidos nesse vento, donos de nada,
e por muito que os muros
se erguessem contra o vento,
mais o vento se erguia, mais resistente e dúctil
se afinava a matéria
que o compunha

Não se sabe até quando o vento
errou, errou de desacerto e vaguear
por entre as ruas todas, errou sem rumo,
mas com lume bastante para alumiar tudo,
todos os aposentos das casas
que encontrou

e fez arder, de vermelho
insubmisso, os campos e as copas
das árvores mais altas

E conta quem lá esteve,
os filhos dos que tinham chegado com o vento,
os filhos dos escravos por eles libertados,
e ainda aqueles que ainda conseguiam falar com as crianças,
que esse ponto de luz, ínfimo, muito terno,
despertara outra vez –

e eles puderam ver também
a sua cor

* Poeta. Professora aposentada da Universidade do Porto. Membro da Direcção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e coordenadora da linha Intersexualidades. Actuais áreas de pesquisa: Poéticas Comparadas, Estudos Feministas e Queer. Autora de mais de três dezenas de livros, de poesia, de teatro, de ficção, de ensaio e infantis. Traduziu poetas como Emily Dickinson e William Shakespeare. Os seus livros estão editados e traduzidos em vários países. Obteve diversos prémios em Portugal e no estrangeiro.